

# Dois olhares sobre Tom Sawyer: análise de traduções brasileiras

p. 106 - 113

Patricia Bronislawski<sup>1</sup>  
Mariana Sbaraini Cordeiro<sup>2</sup>

## Resumo

Segundo a Teoria da Invisibilidade (VENUTI, 1996), o tradutor deve escolher entre uma versão fluída, no qual o seu trabalho será invisível, ou deixar que o texto pareça estrangeiro, mostrando as suas próprias características e as do autor original. Com base nessa teoria, o trabalho objetiva analisar a estratégia usada em duas traduções brasileiras (por Monteiro Lobato e Duda Machado) para traduzir as falas do personagem Injun Joe, da obra *The Adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain.

**Palavras-chave:** Tradução; Invisibilidade do Tradutor; *Tom Sawyer*.

## Abstract:

According to the Theory of the Invisibility (VENUTI, 1996), the translators must choose between a fluid version, in which their work will be invisible, or make the text appear stranger, showing their own characteristics and the features of the original author. Based on this theory, the work aims to analyze the strategy used in two Brazilian translations (by Monteiro Lobato and Duda Machado) to translate the speeches of the character Injun Joe, from the book *The Adventures of Tom Sawyer*, by Mark Twain.

**Kew words:** translation; Invisibility of the translator, Tom Sawyer.

## Tradução: lentes para os monolíngues

A tradução é definida como um processo de substituição de um texto de uma língua fonte para outro correspondente na língua alvo. A definição é simples, mas gera muitas discussões, pois nem sempre é possível traduzir fielmente um texto – o que gera um mito de que o texto traduzido é sempre inferior ao original. Segundo Lefevere, existem duas concepções populares sobre a tradução que diminuem sua real importância: a obra deve ser lida no original para que não existam perdas; o

autor é visto como um gênio intocável, e, por isso, nada no seu texto pode/deve ser alterado. (apud RODRIGUES, 2000).

A discussão sobre traduzibilidade se amplia quando o texto passa a ser visto como uma estrutura dinâmica, em que o significado é construído através do contexto e do sentido de cada uma das palavras. O texto também não é mais visto como uma estrutura isolada, mas é vinculado a aspectos culturais e ideológicos. Lawrence Venuti explica essa dificuldade baseando-se na teoria de Derrida:

[...] se, como ele argumenta, o texto não é, de

1 Acadêmia de Letras e Literatura de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Centro Oeste. Bolsista do PET-Letras, E-mail: patricia.bronislawski@gmail.com

2 Doutoranda em Literatura pela Universidade Estadual de Londrina. Professora da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Email: marianasbaraini@hotmail.com

forma alguma, um objeto estático, mas uma fluidez de significados possíveis que pode crescer ou decrescer com cada mudança de contexto, com cada 'iteração', então o esforço do tradutor para dar significado ao original através de sua substituição por uma cadeia significante substancialmente diferente acarreta a criação de um contexto totalmente novo que (re) constitui e restringe, e portanto pode mudar, o significado do original. (VENUTI, 1996, p. 114)

Apesar do caráter negativo atribuído ao texto traduzido na maioria das discussões, é importante ressaltar sua importância na formação de literaturas nacionais e na introdução de novas obras em uma cultura alvo. Ela se revelou muito importante para a constituição da literatura inglesa, por exemplo, principalmente durante o Período Augustan, período das grandes traduções para o inglês e quando se iniciaram as discussões teóricas sobre o assunto (MILTON, 1993).

O papel do tradutor na maior parte das vezes é esquecido e desvalorizado – e em algumas edições de livros seu nome nem mesmo é citado. A sua função é comparada à de uma vitrine, ou de uma lente, pois serve de instrumento intermediador para que o leitor possa enxergar o mundo do escritor estrangeiro, mesmo sem conhecer seu idioma original:

Para corrigir a falácia da formulação, nem é preciso descartar o símile do vidro interditando o olho e seu campo de visão. Basta imaginá-lo como lente focalizadora, em vez de neutro vidro plano: é a lente tradutória que faculta, à miopia do monolíngüe, enxergar o mundo, vasto mundo que se estende para além das suas limitações lingüísticas. (PAES, 1990, p. 110)

A ausência de termos correspondentes aos da língua-fonte na língua-alvo exigem a interferência do tradutor (que possui poder de decisão e transformação) e a escolha de uma entre várias alternativas de tradução apropriadas. Segundo a Teoria da Invisibilidade do tradutor (VENUTI, 1996), ele deve escolher entre uma versão domesticadora ou estrangeirizadora. Nesse processo existe uma grande influência da

ideologia, do contexto e do mercado editorial, que, na maior parte das vezes, determina o que e como será traduzido. A influência da ideologia burguesa, por exemplo, leva o mercado editorial a preferir textos claros e fluentes, pois estes possuem maior poder de venda.

Com base na Teoria da Invisibilidade, este trabalho objetiva analisar a estratégia usada por dois tradutores brasileiros – Monteiro Lobato e Duda Machado – para traduzir as falas do personagem Injun Joe, do livro *The Adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain. Um traço marcante do personagem é sua descendência indígena, que faz com que suas falas apresentem aspectos culturais diferentes dos brasileiros – que, portanto, não possuem correspondentes diretos na cultura alvo.

Suas falas foram escolhidas por apresentar algumas gírias e expressões características da oralidade, comuns nas cidades das margens do Mississipi no tempo em que a história acontece (século XIX). A oralidade é um verdadeiro desafio para os tradutores, pois essa forma de discurso é normalmente formada por expressões regionais, gírias e construções que não seguem a gramática culta. Ao traduzir determinadas falas, o tradutor depara-se com a opção de adaptar a fala para o modo culto, dexiando de lado as características discursivas originais, ou reescrevê-la de modo correspondente na língua em que foi traduzido (tradução domesticadora). Sabendo-se que livro de Mark Twain é marcado pelo uso constante do discurso direto, pergunta-se: qual foi a estratégia de cada um dos tradutores para essas questões?

## A Invisibilidade do tradutor

Por muito tempo os estudos de tradução se referiam a questões como fidelidade e correspondência formal, sem considerar o contexto e a ideologia que estão envolvidos no processo tradutório. A boa tradução, além de fiel,

deveria ser fluente, e corresponder ao que o autor do texto escreveria se estivesse escrito em outra língua. Essa tradução faz com que o trabalho do tradutor não seja percebido pelo leitor:

A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer's personality or intention or the essential meaning of the foreign text—the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the 'original.' (VENUTI, 1995, p. 1)

O critério de fluência reflete os valores econômicos burgueses, pois quanto menos estranho e ambíguo for o texto, mais facilmente será vendido (VENUTI, 1996). Para tornar o texto fluente, acredita-se que o tradutor deve permanecer invisível, deixando de lado as intervenções cruciais para a construção do significado e a aproximação do leitor com o contexto de criação do texto original. Sustentado pelo lugar-comum de que o texto traduzido é sempre inferior, a Teoria da Invisibilidade do tradutor é responsável pela desvalorização de seu trabalho. Essa desvalorização não se limita a fatores linguísticos, mas também a fatores socioeconômicos, pois normalmente os tradutores não são nem citados, e recebem um baixo salário por uma tarefa que exige meses de trabalho e pesquisa.

O tradutor, ao que parece, é invisível em duas frentes, uma textual ou estética, a outra socioeconômica, e não é difícil perceber aqui uma rede de ligações causais: a invisibilidade do tradutor para os leitores, apesar de ser em primeira instância um efeito determinado do texto, do próprio uso da língua feita pelo tradutor, determina parcialmente o baixo *status* cultural e econômico da tradução, e este baixo *status*, por sua vez, desempenha seu papel, determinando que a tradução continue a ser julgada segundo o critério da fluência, que inicialmente encobre o trabalho do tradutor (VENUTI, 1996, p.112)

Ao analisar uma obra traduzida, porém, é necessário saber quando se deu esse processo (o

texto é influenciado pelo contexto) e qual a sua motivação, pois até a escolha da obra estrangeira reflete ideologias. Na Teoria da Invisibilidade proposta por Venuti, o tradutor “[...] é entendido como um sujeito inserido num certo contexto cultural, ideológico, político e psicológico – que não pode ser ignorado ou eliminado ao elaborar uma tradução” (BOHUNOVSKY, 2001, p. 54).

Enquanto as intervenções do tradutor no texto não forem mais explícitas, não será possível distinguir o que é a sua voz, influenciada por sua bagagem contextual, e o que é a voz do autor, apenas transposta para a cultura alvo. Venuti propõe em sua teoria uma “técnica de leitura crítica” (CORDEIRO, 2005), pois só quando o leitor é constantemente lembrado que está lendo uma tradução pode ficar atento à especificidade e ao contexto da obra original.

A Teoria da Invisibilidade é influenciada por Schleiermacher (apud MILTON, 1993), que conceitua duas diferentes maneiras de traduzir: a domesticadora e a estrangeirizadora. Segundo essa teoria, não existe um meio termo, porque ou o tradutor transforma a cultura da língua-fonte em algo semelhante à cultura-alvo (domesticadora), eliminando qualquer passagem que pareça estranha, ou apresenta a cultura da língua-fonte ao leitor (estrangeirizadora).

A fluidez do texto traduzido é uma das principais características da tradução domesticadora, que se apropria do texto original para substituir seu contexto cultural, social e ideológico pelo contexto da língua alvo. Nela, “O leitor não tem nenhum contato com outro tipo de cultura, tendo a falsa impressão que todas as outras formas de cultura devem ser parecidas com a sua” (CORDEIRO, 2005, p. 18). Normalmente representam os livros mais vendidos, quando o leitor não percebe que o texto de partida é estrangeiro, e que foi escrito em uma língua diferente da sua (efeito ilusório de transparência).

A tradução domesticadora gera a invisibilidade do tradutor que busca priorizar a intenção do autor adaptando-a para a cultura local por meio do apagamento de quaisquer traços que possam, porventura, causar estranhamento ao leitor. Dessa forma, o tradutor faz com que o seu texto passe por um texto original sem que o leitor perceba que se trata, na verdade, de um texto traduzido. O esforço do tradutor em aproximar o texto fonte da cultura alvo envolve aspectos políticos e sociais que visam priorizar o cânone. É, pois, uma leitura conservadora. (FREITAS, 2003, p. 56)

A tradução estrangeirizadora exige uma maior interferência do tradutor, e ao causar estranhamento no leitor, o apresenta a contextos culturais diferentes do seu. Ela é positiva na maneira em que aproxima o leitor a culturas diferentes – mas só é acessível a um pequeno número de leitores da elite educada, que conhecem e se preocupam com o processo de tradução. Ela se refere também da escolha de valores lingüísticos e literários marginais, que serão apresentados para o leitor alvo como forma de resistência aos valores dominantes. Usando a metáfora da lente, ou do vidro, a tradução estrangeira seria opaca, permitindo o leitor visualizar a obra original consciente dessa intermediação:

A tradução deve ser vista como um *tertium datum*, que ‘soa estrangeiro’ para o leitor, mas tem uma aparência opaca que a impede de parecer uma janela transparente através da qual se visse o autor ou o texto original: é esta opacidade – um uso da língua que resista à leitura fácil segundo os padrões contemporâneos – que deixará visível a intervenção do tradutor, seu confronto com a natureza alienígena do texto estrangeiro. Uma tradução deste tipo será lida, simplesmente, como se houvesse sido traduzida. (VENUTI, 1996, p. 118)

Ao defender a tradução estrangeirizadora, Venuti tenta incentivar a visibilidade do tradutor, pois só a partir do momento que o leitor ler um texto traduzido como tal, poderá valorizar seu trabalho e compreender o contexto da obra “original”.

## Dois olhares: Monteiro Lobato e Duda Machado

Monteiro Lobato ficou muito conhecido no Brasil por seus livros de literatura infanto-juvenil, principalmente pela coleção Sítio do Pica-Pau Amarelo – mas ainda há muito para se falar sobre sua importância como editor e tradutor. Ele se preocupava muito com a ausência de livros adequados para as crianças brasileiras, pois reconhecia a importância da leitura literária. A maioria dos livros publicados no Brasil era em francês ou em português de Portugal, o que não chamava a atenção das crianças. As poucas traduções brasileiras eram extremamente formais, e não tinham grande prestígio entre o público. Isso o motivou a traduzir os grandes clássicos:

Pretendemos lançar uma série (sic) de livros para crianças, como Gulliver, Robinson, etc., os clássicos (sic) e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua.[...] reescrever aquilo em literatura desliteraturizada – porque a desgraça da maior parte dos livros é sempre o excesso de ‘literatura’. (LOBATO, 1951, p. 233)

Lobato prezava pela simplicidade da linguagem em suas traduções, como pode ser percebido nas cartas que trocava com Godofredo Rangel. Suas traduções foram de grande importância para a inserção da literatura infanto-juvenil estrangeira no Brasil, pois sua intenção era contar grandes histórias aos meninos como se fossem brasileiras, para que fossem mais facilmente aceitas pelas crianças. “Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrigar a linguagem” (LOBATO, 1951, p.276).

Sabe-se que o contexto de tradução de Duda Machado é muito diferente do contexto de Lobato, quando não existiam amplas discussões

teóricas sobre o assunto. Duda Machado, ou Carlos Eduardo Lima Machado, é poeta, tradutor e professor de Teoria Literária na Universidade Federal de Ouro Preto. Baseado no prefácio de uma de suas traduções, *Cartas Exemplares*, o Dicionário de Tradutores *online* organizado pela UFSC discorre sobre seu trabalho de tradução:

Ele observa que para ser um bom tradutor é necessário conhecimento da língua da qual se traduz, convivência com a leitura e a literatura da 'língua de partida' e da 'língua de chegada', domínio e exercício contínuo da 'língua de chegada', um bom repertório de referências e, por fim, um bom prazo para traduzir e revisar a tradução, um item raramente seguido pelas editoras. (DITRA)

Sua tradução do livro de Mark Twain foi publicada em 2004 pela Editora Ática, em uma coleção chamada “Eu Leio”, de livros infanto-juvenis. Essa coleção é muito usada por professoras do Ensino Fundamental para incentivar novos leitores, e possui várias obras clássicas infanto-juvenis traduzidas.

Ao comparar ambas as obras com o livro na língua-cultura fonte é possível perceber grandes diferenças culturais, além do uso de estratégias de tradução domesticadoras. Ambos os tradutores preservam o aspecto formal do livro, e a tradução é correspondente em vários aspectos – mas domestica algumas expressões. Uma das únicas exceções dessa correspondência direta das traduções é no nome dos capítulos, pois enquanto Lobato traduz os títulos originais, Machado se limita a numerá-los. Existem algumas diferenças na estrutura dos parágrafos e pontuação, principalmente em diálogos, mas estas não são tão importantes no contexto das obras.

Alguns pontos merecem destaque nas traduções, como a opção de Monteiro Lobato de traduzir *Pain-killer* por Mata-dor – e não Analgésico como Duda Machado. A tradução literal da expressão por Lobato consegue gerar uma ambigüidade interessante para o sentido do

livro: o remédio (analgésico), que deveria matar a dor também pode ser um “matador”, pois provoca efeitos nocivos no gato quando este o ingere. Apesar da ambigüidade ser interessante para o sentido da história, ela não faz parte do contexto original, mostrando uma opção domesticadora. A tradução de Duda Machado corresponde exatamente ao sentido da palavra original (mesmo sem a riqueza de significado obtida por seu precedente).

As falas de Injun Joe apresentam características orais marcantes, que não seguem as regras da gramática inglesa culta. Em suas falas ele usa as formas verbais “warn’t” e “‘tain’t”, que são traduzidas para o português culto pelos dois tradutores. Na impossibilidade de encontrar correspondentes informais para esses termos, os tradutores brasileiros decidem por formas verbais cultas, mostrando uma tendência domesticadora, como pode ser percebida no seguinte trecho:

**Tabela 1.** Falas de Injun Joe.

Texto original em inglês	Tradução de Monteiro Lobato	Tradução de Duda Machado
“Five years ago you drove me away from your father’s kitchen one night, when I come to ask for something to eat, and you said I warn’t there for any good; [...]” (p.60)	“Cinco anos atrás o senhor expulsou-me da cozinha de seu pai certa noite, quando fui pedir comida, e disse que eu não estava ali para nada de bom; [...]” (p.48)	“Há cinco anos, você uma noite me expulsou da cozinha da casa de seu pai quando fui pedir comida, e disse que eu não valia nada; [...]” (p.72)

O personagem Injun Joe usa expressões de origem regional que causam estranhamento até em alguns leitores americanos. É o caso da expressão “as dead as a wedge” (TWIN, 1981, p. 61). A comparação em português não tem muito significado, e soa estranha para o leitor. Na hora de traduzi-la, Duda Machado optou por “como se tivesse morrido” (TWIN, 2004, p. 74), conservando o sentido da frase sem citar a expressão coloquial norte-americana, enquanto

Monteiro Lobato simplesmente a ignora. Ambas as escolhas são domesticadoras, pois mostram uma intenção do tradutor de eliminar as expressões canhestras, que possam causar estranhamento no leitor.

É possível perceber também essa aproximação do leitor na tradução de Monteiro Lobato quando ele insere expressões em seu texto que não existem no texto original, nem têm correspondentes em inglês. É o caso de “agora que o pilhei nas unhas” (TWIN, 1980, p.48), expressão usada para traduzir o “And now I’ve got you” (TWIN, 1981, p.60). Ao mesmo tempo que Lobato usa linguagem coloquial para se aproximar do público infantil, deixa marcas de sua escrita, como nessa expressão. É possível perceber nessas intervenções sua característica de grande defensor da língua portuguesa.

Enquanto fala com seu parceiro de crimes, Joe o chama de “pard” (TWIN, 1981, p. 148). Tal palavra corresponde a uma forma menos formal de *partner*, que significa parceiro, comparsa. Nas traduções para o português, esse sentido é perdido, pois Monteiro Lobato o transforma em “compadre”, enquanto Duda Machado não o traduz. Sabe-se que o termo *compadre* possui um significado muito diferente no Brasil, pois remete ao compromisso que as pessoas assumem ao batizar filho de seus amigos mais próximos, que não existem entre os dois personagens. Os compadres, ou padrinhos dos filhos, são escolhidos por sua boa índole. Embora sejam duas traduções muito diferentes, ambas são domesticadoras, pois afastam o leitor do contexto norte-americano, e sua proximidade com o contexto cultural brasileiro deixam a impressão de que o texto não é uma tradução, mas sim um texto originalmente brasileiro.

Em uma de suas falas, Joe exclama “No!by the great sachem, no!” (TWIN, 1981, p. 149). *Sachem* é um termo que se refere aos chefes indígenas

norte-americanos, sem correspondente direto ao contexto brasileiro. A expressão usada por ele exige uma intervenção do tradutor, aproximando o leitor brasileiro do contexto indígena original ou domesticando a fala do personagem. Monteiro Lobato, em sua versão, preserva o termo - porém sem explicar seu contexto cultural: “Não, pelo grande Sachem, não!” (TWIN, 1980, p. 114), enquanto Duda Machado substitui a palavra por termos conhecidos dos leitores brasileiros: “Não, por todos os meus antepassados, não.” (TWIN, 2004, p. 162). Nenhuma das duas traduções aproxima o leitor do contexto original, pois, embora Lobato preserve o termo, não se refere a outra cultura, já que a maioria dos brasileiros desconhece seu significado.

## Considerações finais

Apesar de ser considerado um livro infantil, *The Adventures of Tom Sawyer* é um livro que encanta tanto crianças quanto adultos. O próprio autor, em seu prefácio, escreve sobre o direcionamento de suas histórias para ambos os públicos:

Although my book is intended mainly for the entertainment of boys and girls, I hope it will not be shunned by men and women on that account, for part of my plan has been to try to pleasantly remind adults of what they once were themselves, and of how they felt and thought and talked, and what queer enterprises they sometimes engaged in. (TWIN, 1981)

As histórias de Twain podem ser lidas só como um livro de aventuras, histórias para provocar a imaginação das crianças - mas também permite uma profunda análise cultural e social dos EUA no século XIX. Segundo Venuti, em sua Teoria da Visibilidade, para que o leitor brasileiro também consiga entender e analisar esse contexto, a melhor forma de tradução seria a estrangeirizadora.

O objetivo principal dos tradutores brasileiros, Monteiro Lobato (1980) e Duda

Machado (2004), era recontar a história do livro de maneira simples aos leitores brasileiros, e desenvolver o gosto das crianças e jovens para a leitura. Ambas as traduções são fieis, e obedecem em sua maioria a sequência de parágrafos do texto original, facilitando a realização da comparação. Nenhuma das versões brasileiras apresenta expressões canhestas, que causam estranhamento ao leitor, nem mostra a diferença cultural existente entre o contexto brasileiro e o contexto da obra original.

Em relação às falas do personagem Injun Joe, é possível perceber que tanto Monteiro Lobato quanto Duda Machado usaram a tradução domesticadora. As falas do personagem Injun Joe possuem caráter coloquial, com algumas expressões regionais ou que fogem da gramática normativa, mas que são comuns na fala cotidiana. Nas duas traduções o tom de coloquialismo permanece, mas as falas do personagem são escritas de maneira formal, gramaticalmente correta, criando uma diferença na imagem do personagem construída nos dois contextos. A partir das falas do personagem no livro original, construído por Twain, é possível percebê-lo como um sujeito com pouca preocupação com a linguagem culta, e com uma forte ligação com aspectos culturais de seus antepassados indígenas. Nas traduções brasileiras essas marcas desaparecem, deixando lugar a um vilão sem as principais características de Injun Joe.

As traduções estudadas apresentam algumas diferenças, que podem ser explicadas ao estudar o seu contexto. Essas diferenças contextuais podem explicar muitas de suas opções, e são importantes para entender as características de cada um dos tradutores.

Sabe-se que um dos principais objetivos de Lobato era incentivar a leitura literária no Brasil, fazendo dessa um prazer para o público infantil. Para tal, traduzia grandes obras da literatura universal de maneira simples e fluida, como

confessa em suas cartas a Godofredo Rangel. Sua escolha pela tradução domesticadora pode ser explicada, então, por essa tentativa de aproximar os leitores das grandes histórias, e criar o gosto pela leitura. Algumas expressões usadas por ele podem soar estranhas para algumas crianças hoje, mas sabe-se que eram populares quando foram escritas.

É possível perceber que Duda Machado, em sua tradução, decide por omitir algumas expressões e palavras que soariam estranhas para os leitores brasileiros. Devido ao contexto de produção literária atual, esperava-se que sua tradução, por ser mais recente, fosse mais ousada. O caráter domesticador e a intenção do tradutor de deixar o texto fluido, porém, podem ser explicados pelo fato da sua versão ser parte da coleção de livros infanto-juvenis “Eu Leio”. O objetivo principal da coleção, como já foi dito anteriormente, é incentivar a leitura entre os jovens.

Em sua Teoria da Visibilidade, Venuti defende a tradução estrangeirizadora, pois, para o teórico, só esta aproxima o leitor do contexto original de escrita da obra literária. Após analisar as duas traduções brasileiras do livro *The Adventures of Tom Sawyer*, e percebê-las como domesticadoras, pergunta-se: nesse tipo de tradução, só existem perdas para o leitor? Ao analisar o objetivo das traduções, que é conquistar jovens leitores, entende-se que essa opção, cumpre melhor com o proposto, pois este público é atraído mais facilmente por textos fluentes.

Os elementos analisados nessa pesquisa são textuais, mostrando que a tradução estudada é linguisticamente domesticadora. Apesar disso, olhando para a obra em sua totalidade, é possível perceber que a cultura de origem não foi completamente apagada do texto. A relação de Tom com a religião, por exemplo, ou as crenças e superstições não são domesticadas, pois são manifestações culturais que ultrapassam os

elementos linguísticos.

## Referência

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a letra, ou O albergue do longínquo.** Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerrini. Rio de Janeiro: 7letras/PGET, 2007.

BOHUNOVSKY, Ruth . **A (im)possibilidade da ‘invisibilidade’ do tradutor e da sua ‘fidelidade’: por um diálogo entre a teoria e a prática.** Cadernos de Tradução (UFSC), Florianópolis, SC, v. VIII, p. 51-62, 2001. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5884/5564>> Acesso em 01/09/09, às 17h40.

CORDEIRO, Mariana Sbaraini. **Mark Twain na “vitrine” de Lobato** (Dissertação). UEL: Londrina, 2005.

DITRA – Dicionário de Tradutores. Disponível em <<http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/CarlosEduardoLimaMachado.htm>> Acesso em 09/12/09 às 16h20

FREITAS, Luana Ferreira. **Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti.** Cadernos de Tradução (UFSC), 2008, v. 21. (p. 95-108) Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/8201/7583>>. Acesso em 01/09/09, às 17h45.

FREITAS, Luana Ferreira. **Visibilidade problemática em Venuti.** Cadernos de Tradução (UFSC), UFSC, v. 12, 2003. (p. 55-63) Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6197/5756>> Acesso em 01/09/09, às 17h50.

MILTON, John. **O Poder da Tradução.** Ars Poética: São Paulo, 1993.

PAES, J. P. **Tradução: A Ponte Necessária – a arte e os problemas de traduzir.** São Paulo: Ática, 1990.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

TWAIN, Mark. **The Adventures of Tom Sawyer.** New York: Bantam Books, 1981.

\_\_\_\_\_. **As aventuras de Tom Sawyer.** Trad.: Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1980.

\_\_\_\_\_. **As aventuras de Tom Sawyer.** Trad.: Duda Machado. São Paulo: Ática, 2004. (Eu leio).

VENUTI, Lawrence. **The translator’s invisibility: a history of translation.** London and New York: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade do tradutor. In: **Palavra 3.** Rio de Janeiro: Grypho, 1996. (p. 111-134)

Artigo enviado em: 28/07/2010

Aceite em: 15/08/2010